

SER CRAQUE: UMA CULTURA LOCAL

Fernando Macedo

Minha relação com o Grajaú Tênis Clube começou quando fui estudar na Escola Municipal Lourenço Filho, antigo Ginásio Estadual Luis de Camões – uma das escolas estaduais de maior prestígio na época. As aulas de educação física eram realizadas no Grajaú Tênis Clube, pois a escola possuía um pequeno pátio que era usado para o recreio e para a organização dos alunos na entrada. Na época, havia três turnos de estudos de quatro horas cada, o primeiro de sete às onze horas, o segundo de onze às quinze horas e o terceiro de quinze às dezenove horas.

As aulas de educação física eram realizadas em turnos diferentes dos quais estudávamos, ou seja, quem estudava no primeiro turno fazia as aulas na parte da tarde e quem estudava à tarde as fazia pela manhã.

Chegávamos à portaria do clube e ficávamos esperando a chegada do professor ou as ordens dos funcionários do clube para que entrássemos. Cada série fazia sua aula e deveria deixar as dependências do clube para que a próxima série pudesse entrar e fazer sua aula. Os alunos reunidos na porta do clube faziam uma grande algazarra que sempre chegava ao conhecimento das inspetoras ou diretora da escola. Eram reclamações sobre grupos de alunos que chutavam os sacos de lixo que eram postos nas calçadas a espera do caminhão da limpeza urbana, sobre depredações às lixeiras e aos telefones públicos – os "orelhões" –, moradores reclamando dos alunos que apertavam as campainhas das casas e saíam correndo, sobre as "guerras" que usavam como munição as amêndoas caídas das árvores e que atingiam os carros e pessoas que passavam pelas ruas, sobre a interdição da rua à frente do clube para o jogo de futebol, enfim, inúmeras reclamações dos moradores das ruas próximas

ao clube, que acabavam gerando ameaças de suspensão das aulas de educação física por parte da direção da escola. Algumas vezes, as ameaças eram cumpridas e determinada série ficava um período sem aulas de educação física e, quando isso acontecia, as aulas eram substituídas pelo futebol na praça em frente ao colégio ou na rua de trás do clube. Ninguém falava em casa que as aulas haviam sido suspensas, salvo quando vinham anotadas na caderneta escolar ou em algum bilhete que deveria ser assinado pelos responsáveis e devolvido à escola, assim podíamos jogar o nosso tradicional futebol.

Em 1977, quando entrei na escola, tinha dez anos, pois só faria onze anos em outubro e quase todos os alunos da minha série ou já tinham doze anos ou faziam doze naquele ano, resultado da antecipação do início dos estudos na primeira série. Com isso, era mais franzino que os outros e, se não fosse o grupo grande de meninos que me conheciam do "campinho" de futebol do qual cuidávamos, eu e os meninos do prédio em que morávamos, acho que não teria uma passagem muito tranquila naquela escola, pois via muitas coisas acontecerem com os meninos mais novos, o que hoje chamam de *bullying*.

Nesse primeiro ano. o professor de educação física organizou um campeonato de futebol de salão no qual os alunos foram divididos por um sorteio na ficha de chamada e os times formados teriam que organizar seus uniformes e se comprometerem a assistir aos jogos das outras equipes. Tenho cenas desses jogos até hoje em minha memória. Como era mais jovem, acabei sendo escolhido para ser o goleiro do meu time. Os amigos do prédio foram sorteados para outros times, queríamos fazer o nosso time, mas o professor seguiu o sorteio. Lembro-me que meu time não estava entre os favoritos, porém, próximo ao final do campeonato, não havíamos tomado nenhum gol e, para surpresa dos meus amigos, eu era o goleiro menos vazado do campeonato. Chegamos à final do campeonato e perdemos, e deixei de ser o goleiro menos vazado, tomei até uns "frangos" na final, mas, quando se falava em goleiro na escola, todos apontavam para mim. Eu e um menino do meu time, tão franzino

quanto eu, que tinha o apelido de Marquinhos Mosca, de tão magro que era, saímos daquele campeonato totalmente diferentes de como entramos. Passamos a ser respeitados pelos mais velhos que sempre queriam contar conosco nos seus times, seja nas alas ou nas "peladas" fora do colégio.

Sobre o(a) autor(a):

Fernando Macedo: Vice-coordenador do grupo de pesquisa "Linguagens desenhadas e educação.